

O CONHECIMENTO

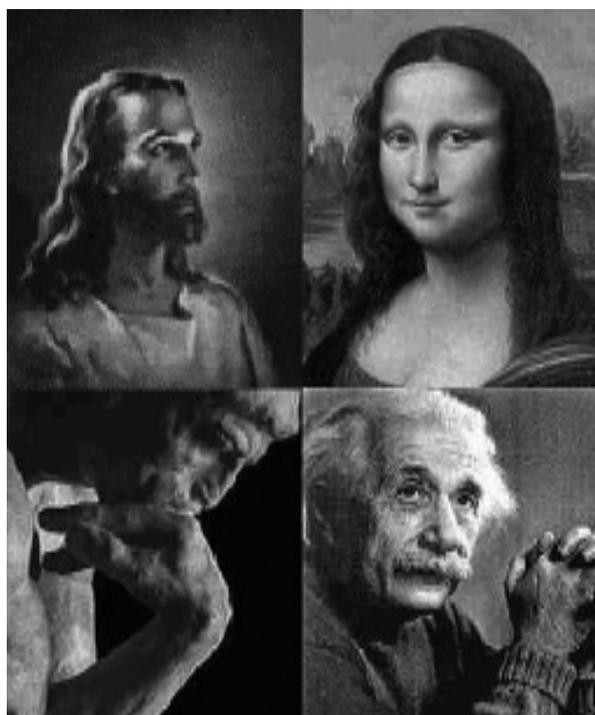
META

Refletir sobre o que seja conhecimento e qual a especificidade do conhecimento científico.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

ser capaz de compreender o problema do conhecimento de maneira geral e da especificidade do conhecimento científico.



Diferentes formas do conhecimento (religião, arte, filosofia e ciência). (Fonte: www.esdc.com.br).

INTRODUÇÃO



**Friedrich
W. Nietzsche**

Filósofo alemão (1844-1900), muito influente em todo o pensamento contemporâneo.

Em nossas experiências cotidianas, nós estabelecemos comparações entre as coisas e entre as pessoas: elas são semelhantes, diferentes, sucessivas, são causas umas das outras etc. – Enfim, nós estamos construindo conhecimento.

Fazemos isso muitas vezes sem sequer perceber; outras vezes, tomamos consciência de que estamos construindo conhecimento e estabelecemos métodos para isso. Mas por que e para que conhecemos?

Friedrich Nietzsche tem uma intrigante fábula que nos incita a pensar.

Em algum remoto rincão do universo cintilante que se derrama em um sem-número de sistemas solares, havia uma vez um astro, em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da “história universal”: mas também foi somente um minuto. Passados poucos fôlegos da natureza congelou-se o astro, e os animais inteligentes tiveram de morrer (NIETZSCHE, 1978, p.45).

Como você interpretaria essa fábula?

O conhecimento tem origem na conservação da vida, afinal, para viver, precisamos pôr ordem no caos que nos rodeia. Assim, acreditamos que existem coisas materiais, que elas são duráveis, que existem coisas iguais, que as coisas são como nos aparecem, que somos livres para querer o que quisermos, que o que é bom para mim é bom em si etc.

Esse conjunto de crenças tem caráter prático. E nós determinamos, no interior do conhecimento, o que é verdadeiro ou falso a partir dele. O conhecimento, portanto, não está no grau de verdade que ele possa ter, mas em seu caráter de condição para a vida.

E aí? O que você acha disso?



(Fonte: <http://despertarparasi.files.wordpress.com>).

FORMAS DE CONHECER

O conhecimento é o pensamento que resulta da relação que se estabelece entre sujeito que conhece e objeto a ser conhecido.

Trata-se de uma definição bastante geral de conhecimento e que pressupõe que haja uma regularidade nos acontecimentos do mundo. Sem essa pressuposição, o conhecimento é simplesmente impossível.

O termo conhecimento é bastante ambíguo, pois designa tanto o ato de conhecer quanto o produto que resulta desse ato. O conhecimento é um processo e, se formos bastante rigorosos, não podemos dizer que algo é absolutamente conhecido. Temos apenas um conhecimento momentâneo do mundo.

Isso porque ninguém inicia o ato de conhecer sem conhecimentos prévios, seja pelo simples fato de estar no mundo, seja porque temos algum conhecimento que nos foi transmitido por uma determinada cultura. Além disso, a racionalidade é histórica e adquire formas diferentes de acordo com a modificação no conjunto de crenças que regulam o pensamento em uma determinada época.

Se alguém pergunta a você como se produz o conhecimento, você responderia: através da razão e do discurso. Contudo, a racionalidade e a discursividade exigem a reflexão, ou seja, exigem que o sujeito esteja consciente do objeto que pretende conhecer. Mas a apreensão que fazemos do mundo é inicialmente pré-reflexiva, no nível da intuição.

A intuição é uma forma de conhecimento imediato, uma visão súbita que não pode ser formulada em discurso. Um conhecimento imediato dos sentidos (intuição sensível), uma compreensão imediata de um pensamento (intuição intelectual), uma criação repentina (intuição inventiva), são todas formas de intuição.

A TEORIA DO CONHECIMENTO

A teoria do conhecimento é uma disciplina filosófica que investiga os problemas decorrentes da relação entre sujeito e objeto do conhecimento, bem como as condições do conhecimento verdadeiro.

Assim, a teoria do conhecimento se ocupa de forma sistemática com questões sobre origem, certeza e essência do conhecimento: o que é a verdade, qual o critério de verdade, se é possível conhecer o objeto, qual o campo e a origem do conhecimento.

Se você se interessou e quer se aprofundar no assunto, leia *Teoria do Conhecimento*, de Johannes Hessen.

A VERDADE

Toda teoria do conhecimento coloca a verdade como um problema fundamental. Isso porque acreditamos que o conhecimento somente faz sentido se corresponde à realidade. Contudo, verdade ou falsidade não estão no objeto mesmo, mas no juízo que fazemos do objeto.

A verdade depende de como a coisa aparece ao sujeito e do juízo formado por esse sujeito: dizemos que algo é verdadeiro quando algo é o que parece ser.

O conhecimento falso deixa de ser, por isso, conhecimento? O que você acha? O que é a verdade enquanto um juízo sobre a realidade? Geralmente, pensamos que a verdade é a adequação de nosso pensamento à coisa; o juízo é verdadeiro quando a representação que temos é cópia fiel do objeto representado. Contudo, como podemos julgar a verdade da representação que fazemos da realidade pelo próprio pensamento? Como sabemos se nossa definição de verdade é verdadeira?

O CRITÉRIO DE VERDADE

É por isso que estabelecemos critérios de verdade: o que me permite reconhecer a verdade e distingui-la do erro? Há várias respostas diferentes a essa pergunta. Para alguns, o critério de verdade é a evidência, ou seja, toda idéia clara e distinta que se impõe por si só ao espírito é evidente. Outros acreditam que é verdadeiro tudo o que contribui para a vida da espécie e falso tudo o que é obstáculo. No primeiro caso, o critério de verdade tem valor racional, no segundo, valor existencial.

Há ainda os que buscam o critério de verdade na coerência interna dos argumentos. Trata-se de um critério lógico, segundo o qual verdadeiro é o raciocínio que não encerra contradições e é coerente com um sistema de princípios estabelecidos. Um exemplo disso é a matemática.

A verdade pode também ser entendida enquanto o resultado de um consenso, ou seja, um conjunto de crenças aceitas que regulam o comportamento dos indivíduos em um determinado lugar e tempo.

E aí? Qual desses critérios você acredita ser o mais provável?

A POSSIBILIDADE DO CONHECIMENTO

Uma das mais importantes discussões acerca do conhecimento é sobre a possibilidade do espírito humano de atingir a certeza. Da necessidade de responder a essa questão, surgiram duas tendências: o dogmatismo e o ceticismo.

A palavra ceticismo vem de *skeptikós* que significa “que observa”, “que considera”. O cético é aquele que observa, considera e conclui: não podemos garantir que o conhecimento é possível. Há ainda aqueles cétricos que concluem: o conhecimento é impossível.

Há gradações de ceticismo. O cético moderado admite ou uma forma relativa de conhecimento, reconhecendo limites para a apreensão da realidade, ou que, mesmo que seja impossível encontrar a certeza, devemos continuar buscando-a. Para o cético radical, se a certeza é impossível, é melhor renunciar ao conhecimento, o que traz como consequência prática a indiferença absoluta em relação a tudo.

Contudo, o ceticismo radical apresenta um problema lógico em sua afirmação. Ora, dizer que toda certeza é impossível significa que quem afirma tem certeza de sua afirmação, ou seja, dizer que a certeza é impossível é ter pelo menos uma certeza: que ela é impossível. Mas se ela é impossível, não podemos ter certeza de que a certeza é impossível.

A palavra “dogmático” também tem origem grega, *dogmatikós*, que significa “que se funda em princípios” ou “relativo a uma doutrina”. O dogmatismo é doutrina segundo a qual o espírito humano é capaz de atingir a certeza, ou seja, que ele é capaz de conhecer a realidade.

O dogma tem uma íntima relação com a religião, pois, do ponto de vista religioso, dogma é uma verdade fundamental e indiscutível de uma doutrina, ou seja, é um artigo de fé. Quando transposto para o campo do conhecimento não-religioso, ela designa verdades inquestionáveis. Assim, o dogmatismo é uma atitude prejudicial, pois quando o homem acredita possuir a verdade, para de procurá-la. Os dogmas são prisões onde o homem se fixa e não consegue acompanhar as modificações do mundo.

O CAMPO DO CONHECIMENTO

Em nosso cotidiano, temos uma concepção realista do conhecimento, pois não problematizamos a existência do mundo e acreditamos que tudo pode ser compreendido pelo intelecto humano. O conhecimento é a formação de um conceito adequado à realidade.

Mas será que isso é assim mesmo?

É que nós temos contato imediato com o mundo através dos sentidos, e eles nos enganam. Os sentidos são incapazes de nos garantir uma certeza que seja absoluta. Portanto, somos levados a duvidar deles e assim, duvidamos de nossa própria experiência imediata do mundo, ou seja, de sua existência. O mundo poderia ser apenas uma ilusão dos sentidos.

Em nosso processo de dúvida dos sentidos encontramos outro caminho. Ora, não podemos duvidar que duvidamos e, se duvidamos, pensamos. A existência do pensamento, então, seria certa e indubitável. Essa seria a primeira certeza a partir da qual poderíamos pensar o mundo en-

quanto algo. Trata-se da concepção idealista do conhecimento, onde a concepção de realidade depende de nosso pensamento.

A ORIGEM DAS IDÉIAS

Qual a origem das idéias? Há ao menos três respostas a essa pergunta.

A primeira é dada pelo empirismo: as idéias derivam, direta ou indiretamente, da experiência sensível. Mesmo as idéias mais abstratas são retiradas da experiência, através da separação de propriedades das coisas ou dos acontecimentos.

Já para o racionalismo, temos idéias inatas que tornam todo conhecimento possível. Um exemplo dessas idéias inatas seriam as propriedades lógicas.

Outra resposta é a do criticismo, uma espécie de síntese entre racionalismo e empirismo. As idéias têm origem na experiência sensível, mas, somente se tornam inteligíveis na medida em que aplicamos nossa estrutura racional às coisas.

TIPOS DE CONHECIMENTO

SENSO COMUM

Nós temos várias experiências todos os dias, mas não refletimos sobre elas, nem mesmo as sistematizamos. Isso porque estamos muito envolvidos nas situações e problemas cotidianos que precisamos resolver. Esse conhecimento que geramos no dia-a-dia é chamado de senso comum.

Geralmente, guiamos nosso cotidiano pelas aparências, pelas nossas experiências particulares, pela nossa subjetividade e pelos valores sociais vigentes, sem qualquer atitude crítica. Trata-se de uma atitude ingênua que, muitas vezes, é ilusória.

Nesse sentido, o senso comum é um tipo de conhecimento empírico e espontâneo, ametódico, assistemático e acrítico.

CIÊNCIA

A ciência é um tipo de conhecimento recente da humanidade, que tem sua origem no final do século XVII. Antes disso, ela era parte da filosofia, e somente com a conquista de métodos específicos adquiriu sua autonomia. A utilização desses métodos rigorosos permitiu à ciência um saber sistemático, preciso e objetivo.

Aliás, se falamos em ciência, no singular, é porque pensamos num tipo de saber que tem essas propriedades. Mas, se pensamos nos diversos

métodos e nos diversos objetos, somente poderíamos falar de ciências. Elas são particulares na medida em que privilegiam setores específicos e distintos da realidade.

Apesar disso, elas são consideradas gerais, pois suas conclusões são válidas para todos os casos observados e para todos os casos semelhantes. Nesse sentido, a preocupação da ciência é a descoberta de regularidades existentes em determinados fatos.

Ao contrário do que se poderia pensar, o fato científico é abstrato. Ele é isolado do conjunto de dados sensíveis em que se encontra quando é feita a observação e elevado ao grau de generalidade. Exige um alto nível de racionalização dos dados recolhidos. Esses dados não são brutos, mas interpretações.

A ciência aspira à objetividade. A verificação das experiências pode ser feita pela comunidade científica, desde que ela se utilize dos mesmos métodos e dos mesmos procedimentos de controle da experiência original. Essa pretensão de objetividade também ganha corpo no rigor da linguagem científica, cujas noções são definidas de modo a evitar ambigüidades, ou ainda, na matematização dos dados.

A ciência busca estabelecer uma margem de previsibilidade dos fenômenos observados para ter maior poder de controle e transformação. O desenvolvimento da tecnologia, que poderíamos definir como a técnica enriquecida do saber científico, altera de modo profundo o habitat e o comportamento humano.

Esse poder sobre a natureza e sobre os homens é bastante ambíguo, já que tanto pode promover o desenvolvimento humano quanto destruir a humanidade. Daí a necessidade de pensar a ciência não só do ponto de vista do conhecimento, mas também do ponto de vista moral e político.

FILOSOFIA

A filosofia é, quem sabe, o saber mais difícil de definir. A atitude filosófica é mais fácil de apreender que a filosofia em si mesma. O trabalho do filósofo é essencialmente teórico e problematizador, um permanente questionamento do saber instituído. O saber filosófico não é um saber abstrato, mas se constitui na própria trama dos acontecimentos. O filósofo inicia suas problematizações a partir da existência, e daí a íntima relação entre filosofia e história.

A atitude filosófica se inicia quando paramos e retomamos o significado de nossos atos e pensamentos, ou seja, quando fazemos uma reflexão. A reflexão filosófica é uma retomada do pensamento pelo próprio pensamento, colocando em questão o que já se conhece.

A filosofia é, nesse sentido, radical: busca explicitar os conceitos fundamentais de todo agir e do pensar. Para isso, ela se utiliza de métodos

explicitados desde seus fundamentos e de uma linguagem rigorosa. Ao contrário da ciência, a filosofia busca examinar os problemas a partir da perspectiva da totalidade do pensar e agir.

ARTE

O conhecimento artístico se fundamenta na emoção e intuição. É uma forma de conhecimento não-racional, dificilmente exprimível pela lógica. Apesar de poder assumir aspectos do senso comum e da ciência, a arte estabelece uma relação especial entre observador e fenômeno observado. Isso porque a arte é inesgotável. A informação estética contida numa obra de arte é encarada de forma diferente por várias pessoas, ou ainda pela mesma pessoa em diferentes momentos. Ela não pode ser traduzida em outra linguagem que não a sua original, sem a perda de informação relevante.

RELIGIÃO

O conhecimento religioso é dogmático, ou seja, não pode ser questionado, testado. Ele é um conhecimento de cunho pessoal, a fé não pode ser comunicada devido ao seu forte componente emocional. Pode ou não ser ritualístico. A palavra religião deriva da palavra latina *religare*, que quer dizer religar. Geralmente, essa expressão é compreendida como retornar a ligar o homem a Deus.

CONCLUSÃO

Agora que já vimos as diferenças entre os tipos de conhecimento, é importante destacar a divisão interna ao conhecimento científico. Trata-se de uma entre várias propostas classificatórias: ciências formais, ciências naturais e ciências humanas ou sociais. As ciências formais são aquelas que lidam com abstrações e estruturas, que podem ou não se referir a fatos, como a matemática e a lógica. As ciências naturais, como a física, química, biologia etc., estudam fenômenos naturais. Finalmente, as ciências humanas ou sociais se dedicam aos fenômenos humanos e sociais, como a psicologia, sociologia etc.

RESUMO

A reflexão sobre o conhecimento é o primeiro passo rumo à construção do conhecimento científico. Essa reflexão faz parte da investigação filosófica e é designada pelo nome de Teoria do Conhecimento. A partir dessa reflexão podemos distinguir o conhecimento científico dos outros tipos de conhecimento, mas também perceber semelhanças, complementaridades etc.



ATIVIDADES

Faça uma ampla reflexão sobre as diferenças e as semelhanças entre os tipos de conhecimento. Quais as fronteiras entre elas? Como elas se interconectam, se comunicam?



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Todos os tipos de conhecimento se comunicam e se interpenetram. A fé que temos na religião, a transpomos para a ciência; a criação, própria do conhecimento artístico, também serve à filosofia na criação dos conceitos e à ciência na criação das noções; a reflexão sobre o conhecimento, própria à filosofia, também ganha contornos científicos, com a neurociência, psicologia da aprendizagem, sociologia do conhecimento etc. Com todas essas interdisciplinaridades e interpenetrações entre os tipos de conhecimento, como distinguir diante desse caos produtivo?

REFERÊNCIA

- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da ciência**: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Cengage Learning, 2009.
- ARANHA, Maria Lúcia de A.; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à filosofia. 2 ed. rev. e atualizada. São Paulo: Moderna, 1993.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação de documentos – Trabalhos acadêmicos – Apresentação**. NBR 14724/2005. Rio de Janeiro, 2005, validade a partir de 30.01.2006.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Apresentação de citações em documentos**, NBR 10520/2001. Rio de Janeiro, 2001.

- _____. **Trabalhos acadêmicos**, NBR 14724/2005. Rio de Janeiro, 2005.
- _____. **Citações em documentos**, NBR 10520/2002. Rio de Janeiro, 2002.
- _____. **Trabalhos acadêmicos**, NBR 14724/2001. Rio de Janeiro, 2001.
- _____. **Títulos de lombada**, NBR 12225/1992. Rio de Janeiro, 1992.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.
- ARANHA, Maria Lúcia de A.; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia**. 2 ed. rev. e atualizada. São Paulo: Moderna, 1993.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação de documentos – Trabalhos acadêmicos – Apresentação**. NBR 14724/2005. Rio de Janeiro, 2005, validade a partir de 30.01.2006.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Apresentação de citações em documentos**, NBR 10520/2001. Rio de Janeiro, 2001.
- _____. **Trabalhos acadêmicos**, NBR 14724/2005. Rio de Janeiro, 2005.
- _____. **Citações em documentos**, NBR 10520/2002. Rio de Janeiro, 2002.
- _____. **Trabalhos acadêmicos**, NBR 14724/2001. Rio de Janeiro, 2001.
- _____. **Títulos de lombada**, NBR 12225/1992. Rio de Janeiro, 1992.
- _____. **Apresentação de relatórios técnico-científicos**, NBR 10719/1989. Rio de Janeiro, 1989.
- _____. **Normas para datar**, NBR 5892/1989. Rio de Janeiro, 1989.
- _____. **Preparação de índice de publicações**, NBR 6034/1989. Rio de Janeiro, 1989.
- _____. **Publicação de monografias**, NBR 12899/1993. Rio de Janeiro, 1993.
- _____. **Referências**, NBR 6023/2000. Rio de Janeiro, 2000.
- _____. **Resumos**, NBR 6028/1987. Rio de Janeiro, 1987.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BARROS, Aidil J. da S.; LEHFELD, Neide Aparecida de S. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- DESCARTES, René. **Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas**. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 11 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- HESSEN, Joannes. **Teoria do conhecimento**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ISKANDAR, Ibrahim Jamil. **Normas da ABNT: comentadas para trabalhos científicos**. 4 ed. Curitiba: Juruá, 2009.